

Revista Gepesvida

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>
Número 14. Volume 6. 2020-1. ISBN: 2447-3545.



A MEMÓRIA NO NOVO JORNALISMO NA OBRA *A SANGUE FRIO*, DE TRUMAN CAPOTE

Clarissa Patrício Carvalho¹

Resumo: O jornalismo requer rigor na apuração, ética e honestidade na reconstituição de fatos. Mas, no Novo Jornalismo, essas exigências se fazem ainda mais importantes. O objetivo desse artigo é entender por que a obra *A Sangue Frio*, de Truman Capote, se tornou um verdadeiro marco do gênero, ainda que os métodos de apuração do autor sejam questionáveis, bem como sua concepção como registro de memória. Por fim, em tempos atuais, onde qualquer informação é rapidamente delegada ao esquecimento, é importante que o jornalista literário atue como restaurador e conservador da memória. Se dedicar a recuperar essas lembranças pode ser uma interferência significativa na realidade.

Palavras-chave: Novo Jornalismo; Memória; Truman Capote.

Abstract: Journalism requires rigor in the investigation, ethics and honesty in reconstructing facts. However, in New Journalism, these demands are even more important. This paper aims to understand why the book *In Cold Blood*, by Truman Capote, became a true landmark of the genre, even though the author's methods of investigation are questionable, as well as its conception as a memory record. Finally, in current times, where any information is quickly delegated to oblivion, it is important that the literary journalist acts as a restorer and maintainer of memory. Dedicating to recover those memories can be a significant interference in reality.

Keywords: New Journalism; Memory; Truman Capote.

INTRODUÇÃO

Em novembro de 1959, enquanto lia o jornal, Truman Capote se deparou com uma notícia curta sobre um crime que aconteceu em uma pequena cidade no interior do Kansas, nos Estados Unidos: uma família de quatro pessoas cruelmente assassinada e 270 habitantes da cidadezinha imersos em grande choque. A polícia iniciou seu trabalho no

¹ Mestranda em Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura, outras artes e mídias, pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: cpatricio662@gmail.com

Revista Gepesvida

caso e, um mês depois, Capote se dirigiu ao local com o intuito de entrevistar familiares das vítimas e dos assassinos para escrever uma reportagem maior sobre o assunto.

A partir desse contato, Capote teve acesso a documentos oficiais, cartas, diários, estabeleceu relacionamento com os criminosos presos e acompanhou a execução sumária dos criminosos. O escritor reuniu uma série de informações que não cabiam mais em uma simples reportagem. Sendo assim, em 1965, nasce dessa vivência, a obra *A Sangue Frio*, considerada como a obra-prima do Novo Jornalismo e publicada no início do ano seguinte.

O registro fala em detalhes sobre o assassinato da Família Clutter, que correu pelas mãos de dois ex-presidiários que foram companheiros de cela por algum tempo. Durante esse período de encarceramento, outro companheiro de prisão forneceu a informação de que o Sr. Clutter, muito bem estabelecido em Holcomb, possuía uma boa quantia de dinheiro e pertences valiosos em casa, que em soma resultariam em um montante significativo.

Dick Hickock, um dos assassinos, ganhou sua liberdade primeiro. Deixou Perry Smith, seu cúmplice, para trás por um momento, mas não sem antes estabelecer a combina daquele que deveria ser um "golpe perfeito". O plano traçado era de roubar os Clutter e fugir, nada além disso, inclusive para que os criminosos não chamassem a atenção. Em uma cidade tão pequena, não valia a pena correr um perigo tão grande de ser capturado novamente ou mesmo reconhecido.

A ocasião se deu em prática pouco tempo depois. Nada de valor realmente foi levado da casa dos Clutter além de um binóculo, um rádio e aproximadamente 40 dólares – a presença da fortuna ali não passava de um boato. Mas, no auge do descontrole, a família foi amordaçada e assassinada com tiros de espingarda, o que levou a uma comoção grande por parte da população e também a um despertar social em um local a muito esquecido e isolado, já que os métodos prisionais americanos começaram a ser refutados veementemente e a situação passou a ser usada como argumento a esse levante.

De acordo com Benjamim (1987), os fatos veiculam e afetam o cotidiano, posto que

Cada manhã recebemos notícias do mundo todo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que

Revista Gepesvida

acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. (p. 203)

A altamente descritiva narrativa do autor fez com que a obra se popularizasse de maneira rápida. Por meio de leituras públicas de capítulos do livro, ele conseguiu fazer com que seu rosto e seu trabalho ficassem conhecidos e deu força ao movimento de consolidação deste gênero literário. Para endossar ainda mais a visibilidade atingida, Capote permitiu e participou da produção da primeira adaptação cinematográfica de *A Sangue Frio*, que levava esse mesmo nome e foi lançada em 1967, com a direção de Richard Brooks.

Mas, para muito além dessas questões de receptividade, este livro estabeleceu um novo papel para o Novo Jornalismo. O gênero se tornou expressivo no que diz respeito ao arquivamento de vidas, o risco do esquecimento e o consumo desenfreado da tragédia que muitas vezes coloca uma obra no topo dos best-sellers do momento. Em *A Sangue Frio*, essa missão fica clara: o autor passa a lutar contra a banalização dessas informações e consegue fazer com que o registro de memória se torne uma experiência verdadeira e íntima para quem a acessa.

A MEMÓRIA NO NOVO JORNALISMO

Antes de começar a falar sobre memória neste contexto, é fundamental perpassar algumas questões descritivas acerca do Novo Jornalismo. A princípio, existem quatro características essenciais que definem este gênero literário, elencadas por Wolfe (2005). A primeira delas é a construção de cenas para se contar a narrativa, sem se prender a uma narrativa unicamente histórica. A segunda, é o registro integral de diálogos, seguida pela descrição esmiuçada do status de vida do personagem. Por último, essa combinação deve ser apresentada em terceira pessoa, pelo ponto de vista dos próprios personagens.

Embora não existam regras estáticas dentro do jornalismo literário, todas essas questões costumam ser aplicadas na prática em boa parte das obras do gênero. Para contribuir com esse registro de memória, pode ser necessário utilizar outros recursos ou adaptar os supracitados para que a proposta do autor seja preservada, inclusive no que diz respeito a repassar um relato fiel do acontecido.

Revista Gepesvida

O jornalismo, por si só, requer rigor na apuração, ética e honestidade na reconstituição de fatos. Mas, no Novo Jornalismo, essas exigências se fazem ainda mais importantes. São elas que permitem uma contextualização abrangente de informações, para que a visão da realidade mostrada na narrativa seja ampla e confiável, e remonte de fato a estruturação de um romance.

Registrar dessa maneira a memória, dentro do jornalismo literário, mostra que ela pode ser permeada por comiseração, desgosto e sofrimento. Afinal, é comum que a abordagem esteja voltada para a cobertura de crimes, acontecimentos violentos e dramas pessoais. Memória e esquecimento caminham juntos, mas, esse gênero muitas vezes ignorado trabalha bem como um arquivamento bem estruturado em tempos de aceleração cultural, em que muito se perde e a busca pela retenção do passado se faz ainda mais necessária. Em tempo, a colocação de Benjamin (1987) endossa firmemente essa constatação: “A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade” (p. 208).

O entrelugar do Novo Jornalismo está em meio ao arquivamento de vidas, ao risco de esquecimento e ao consumo desenfreado da tragédia que muitas vezes coloca uma obra no topo dos best-sellers do momento. O papel do jornalista, aqui, passa a ser lutar contra a banalização dessas informações e fazer com que a memória se torne uma experiência para quem a acessa.

Assim como uma notícia comum é vendida em jornais e revistas nas bancas, o Novo Jornalismo tem seu status de mercadoria, mas deve ser também visto como averbação material da memória. Quem lê jornalismo literário participa do outro lado da página de uma vivência que passa a ser, também, parte da sua própria, algo que vai além da mera curiosidade para se transformar em uma percepção individual e coletiva dos fatos narrados.

A MEMÓRIA EM A SANGUE FRIO

Truman Capote era uma figura peculiar, que alegava ter 95% de precisão na memória. Devido a isso, não se prestava a realizar anotações durante entrevistas. Por vezes, preferia apenas gravar algum detalhe, para mais tarde decupar e acrescentar suas

Revista Gepesvida

próprias análises, o que ainda assim praticamente não acontecia. Por causa desse hábito, e de sua postura como jornalista em geral, enfrentou algumas controvérsias sobre sua ética.

Ora, se a imparcialidade sofre interferências em uma obra do jornalismo literário por permitir que a emoção tome conta de certa parte da narrativa, por que essa prática deveria ser questionável? *A Sangue Frio* tem, indubitavelmente, todas as características que remontam o Novo Jornalismo, uma vez que procura garantir uma leitura diferente da que é feita em uma matéria jornalística. Sua pauta é levada para muito adiante do tempo em que foi escrita.

Em primeiro lugar, o autor reconstitui acontecimentos anteriores ao crime. Fala sobre a cidade pacata e seus acontecimentos sem graça e contextualiza a sociedade local. O autor discorre também sobre a rotina da família no dia antes de sua morte, conta sobre o convívio da população da pequena cidade de Holcomb, interior do Kansas, e resgata até mesmo a infância da dupla de assassinos, fato este extremamente criticado e visto com maus olhos pelo público, embora consumidos avidamente na mesma proporção. Sua narrativa está em terceira pessoa e nos permite uma visão com os protagonistas da história - Truman Capote, em momento algum, se apresenta como personagem nesse contexto.

Diante disso, é possível resgatar embasamento em Benjamin (1987), que discorre sobre uma relação de identidade entre experiência e relato, que se configura na figura do "narrador". Enquanto na Idade Média o narrador conseguia comunicar a vivacidade de sua experiência de uma maneira plena, ele considerava tal prática impossível na modernidade. Mais tarde a imprensa surgiu, assim como o romance moderno - ambos caminhando juntos, inclusive, no Novo Jornalismo, e a figura do narrador passou a ser considerada totalmente dispensável, o que torna esse processo natural em *A Sangue Frio*.

Mas o autor da obra teve uma influência indiscutível em todo processo de julgamento dos criminosos. Sua intenção inicial era apenas averiguar como uma comunidade simples e quase isolada lidava com um acontecimento impactante e nada usual para a região. Porém, sua habilidade literária fez com que um acontecimento, ainda que extraordinário, talvez jamais teria tido tanta visibilidade.

No que propõe Foucault (1969) com a leitura da obra *O que é um autor*, é

Revista Gepesvida

possível reconhecer Capote assim caracterizado,

Terceira característica dessa função autor. Ela não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser de razão que se chama de autor. Sem dúvida, a esse ser de razão, tenta-se dar um status realista: seria, no indivíduo, uma instância "profunda", um poder "criador", um "projeto", o lugar originário da escrita. (p.276)

Por isso, Capote age muitas vezes como um narrador não-confiável e se torna algoz de sua própria proposta. Ao tentar arquivar esse acontecimento cruel, trazer à luz uma sociedade ainda de práticas provincianas e reavivar a memória da família que teve a vida brutalmente ceifada, ele acaba por se desviar do caminho para traçar um perfil aprofundado dos assassinos.

Durante a narrativa, são os trejeitos, experiências, medos, traumas e expectativas da dupla de criminosos é que realmente saltam aos olhos do leitor. Anos mais tarde, informações vazadas de guardas penitenciários afirmavam que Truman Capote tinha mantido uma relação amorosa com o criminoso Perry Smith.

Para completar, a demora na publicação da obra se deu pelo fato de que o escritor se recusava a finalizá-la antes do julgamento. Para ele, era de valor imensurável relatar no romance o destino dos malfeitores. Seu poder de influência era tanto que Capote era uma das dezenove testemunhas presentes na execução.

Pontuação suficiente para mostrar que a aproximação entre jornalista e fonte teve um papel duvidoso e crítico no desenrolar das investigações e também no processo de desenvolvimento de *A Sangue Frio*. À época do lançamento, reconheceu-se que era impossível, na leitura, separar o que era factual e o que era ficção. Muitas era as observações do olhar pessoal de Truman evidenciado em muitas ações e falas de seus personagens.

Ainda é importante ressaltar que Truman Capote nunca fez do jornalismo sua atividade principal. Ele era um escritor que trabalhava como jornalista, o que contrariava o curso natural dos envolvidos no jornalismo literário: profissionais da área que queriam provar, através de romances, que poderiam dar um novo valor a sua escrita.

Mesmo que *A Sangue Frio* não se trate necessariamente de um relato biográfico, é possível afirmá-lo como uma história de vida, na qual personagem e autor se cruzam para fortalecer um acontecimento específico que ganham vida na obra literária. Assim

Revista Gepesvida

como pontua Bordieu (1986):

Falar de história de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, Uma vida, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história .(p.183)

O que vemos em *A Sangue Frio* é mais do que a memória de um crime, o registro de uma tragédia, a cobertura de um acontecimento impressionante. É também a lembrança particular do escritor que usou o romance como meio para gravar seus pensamentos e experiências e levá-los de forma acessível ao público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte literária se fez indispensável para o nascimento e desenvolvimento do Novo Jornalismo. Por meio da obra *A Sangue Frio*, de Truman Capote, é possível, sem dúvidas, constatar todas as etapas da construção dessa união e entender por que este livro se tornou um verdadeiro marco do gênero, ainda que os métodos de apuração do autor sejam questionáveis, bem como sua concepção como registro de memória.

Vale a afirmação de que o jornalismo literário tem papel importante na missão de fazer com que o indivíduo se posicione e se revele política e socialmente, uma vez que reconta um fato de acordo com a visão singular do escritor e permite que o leitor acesse e compreenda o acontecimento por si mesmo.

Mas também é importante pontuar que, da mesma maneira que a opinião e as constatações particulares se formam acerca do assunto, também se constrói um lugar de memória específico para cada um que tem acesso à narrativa. Assim como Truman Capote fez desse acontecimento seu registro detalhado e único, a experiência do leitor se faz importante e indispensável para fazer da obra um arquivo.

Por fim, em tempos atuais, onde qualquer informação é rapidamente delegada ao esquecimento, é importante que o jornalista atue como restaurador e conservador da memória. Seja como escritor ou repórter, é fundamental que ele seja sempre analítico e comprometido em suas funções, além de prezar sempre pela contextualização dos fatos, pelo respeito e pela integridade dos envolvidos em seu processo investigativo.

Se dedicar a recuperar essas lembranças pode ser uma interferência significativa

Revista Gepesvida

na realidade. No entanto, se o arquivo é um mosaico de ideias, repleto de fragmentos e espaços, o Novo Jornalismo funciona como meio de cerzir e reconstituir a essência do fato como forma de preservação da mais valiosa memória.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: Walter Benjamin – **Obras escolhidas, vol. 1: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

CAPOTE, Truman. A Sangue Frio: a História dos Quatro Membros da Família Clutter, Brutalmente Assassinados, e dos Dois Criminosos, Executados Cinco Anos Depois. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Michel Foucault - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2010.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário**. Rio: Agir, 1960.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo: o espírito de uma época em que tudo se transformou radicalmente, inclusive o jeito de fazer reportagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Submissão: maio de 2020

Aceite: junho de 2020